

Uso de máscaras e confinamentos: casa, função e ficção

Use of masks and confinement: home, function and fiction

Uso de máscaras y confinamientos: casa, función y ficción

Paula Lemos Vilaça Faria, mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: paulalemosvilaca@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-2992-5790>

Para citar este artigo: FARIA, P. L. V. Uso de máscaras e confinamentos: casa, função e ficção. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 321-334, 2026.
DOI 10.5935/cadernospos.v26n1p321-334

Submissão: 2025-11-27

Aceite: 2026-01-28

Resumo

O artigo discute as transformações nas percepções e nos usos do espaço doméstico a partir da pandemia de covid-19, tomando como ponto de partida o texto “Eu adoro morar aqui”, de Carla Soares. A análise evidencia como o confinamento revelou a precariedade funcional das habitações contemporâneas e a insuficiência de seus espaços para comportar as múltiplas dimensões da vida cotidiana. A partir de interlocuções com autores como Carlos A. C. Lemos, Renata Marquez e Wellington Cançado, o estudo aborda a sobreposição de funções nos ambientes domésticos e a relação entre materialidade, afeto e imaginação. Reflete-se ainda sobre o papel



da ficção, da cultura material e das “miudezas” como formas de ressignificação e resistência perante as restrições espaciais e sociais impostas pelo habitar urbano. O texto propõe compreender a casa não apenas como abrigo, mas também como dispositivo simbólico e afetivo capaz de moldar modos de viver e imaginar o mundo.

Palavras-chave: Domesticidade; Arquitetura; Habitação; Cultura material; Pandemia.

Abstract

The article discusses the transformations in perceptions and uses of domestic space since the covid-19 pandemic, taking as its starting point the text “I love living here” by Carla Soares. The analysis highlights how confinement has revealed the functional precariousness of contemporary housing and the inadequacy of its spaces to accommodate the multiple dimensions of everyday life. Based on dialogues with authors such as Carlos A. C. Lemos, Renata Marquez, and Wellington Cançado, the study addresses the overlapping functions in domestic environments and the relationship between materiality, affection, and imagination. It also reflects on the role of fiction, material culture, and “trifles” as forms of re-signification and resistance in the face of the spatial and social restrictions imposed by urban living. The text proposes to understand the home not only as a shelter, but as a symbolic and affective device capable of shaping ways of living and imagining the world.

Keywords: Domesticity; Architecture; Housing; Material culture; Pandemics.

Resumen

El artículo analiza los cambios en las percepciones y los usos del espacio doméstico a partir de la pandemia de covid-19, tomando como punto de partida el texto “Me encanta vivir aquí”, de Carla Soares. El análisis pone de manifiesto cómo el confinamiento ha revelado la precariedad funcional de las viviendas contemporáneas y la insuficiencia de sus espacios para albergar las múltiples dimensiones de la vida cotidiana. A partir de diálogos con autores como Carlos A. C. Lemos, Renata Marquez y Wellington Cançado, el estudio aborda la superposición de funciones en los entornos domésticos y la relación entre materialidad, afecto e imaginación. También se reflexiona sobre el papel de la ficción, la cultura material y las “pequeñeces” como formas de resignificación y resistencia frente a las restricciones espaciales y sociales impuestas por la vida urbana. El texto propone entender la casa no solo como un refugio, sino como un dispositivo simbólico y afectivo capaz de moldear formas de vivir e imaginar el mundo.

Palabras clave: Domesticidad; Arquitectura; Morada; Cultura material; Pandemia.



INTRODUÇÃO

Quando alugamos um apartamento alugamos
uma paisagem alugamos vizinhos com os quais
cruzamos no elevador a temperatura das manhãs
determinados barulhos certas incidências
do sol poeira alugamos as palavras
que nos dirigem os porteiros as distâncias relativas
dos lugares que frequentamos alugamos os lugares
que passamos a frequentar o cheiro de tinta o toque
dos tacos alugamos o direito de dizer que aí moramos
o salvo-conduto para entrar e sair e mesmo a permissão
para morrer aí alugamos a memória futura
de um apartamento e o direito de metê-lo
num poema

(Marques; Jorge, 2017, p. 23).

Este trabalho trata da versão adaptada de um capítulo da dissertação de mestrado *Domesticidades e contradomesticidades: crônicas e cacarecos de vidas confinadas*, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com bolsa financiada pela Capes.

O texto completo foi dividido em capítulos que, de forma episódica, colocam luz e tentam elaborar questões específicas das domesticidades e do morar entre os anos de 2020 e 2023, durante a pandemia de covid-19 no Brasil. A partir do estabelecimento de uma base comum sobre esse período, foram analisadas questões como os mecanismos de controle e as medidas sanitárias estabelecidas em relação às casas e aos corpos, o trabalho remoto, o trabalho de cuidado não remunerado, a ambiguidade das janelas digitais e físicas e o morar em um contexto que parece ter saído da ficção científica.

Balizando conceitos teóricos não só da arquitetura, mas também de outras ciências humanas, foi feita uma análise dessas questões a partir de narrativas do cotidiano doméstico publicadas ao longo desse período. Essa pesquisa, utilizando a metodologia da colagem, pretendia desmontar e remontar o que era essa domesticidade, e como poderíamos defini-la em um momento em que a casa tornou-se abrigo de quem pode nela se isolar durante a pandemia. Dessa forma, este texto se debruça especificamente sobre essa unidade espacial, a moradia, que é entendida aqui como o palco principal para as atividades dentro dessas muitas domesticidades, e chegou-se à conclusão de que era impossível defini-las de uma maneira única atualmente. Ficou claro que a casa sempre foi um espaço de disputas, de confinamentos, de contenções, em que não necessariamente cabem toda a vida e tudo que essa espacialidade muitas vezes se dispõe a ser e contemplar dentro dela. Assim, com base no texto de Carla Soares, inicia-se esta discussão, partindo para o uso de outras referências sobre como podemos compreender a casa a partir dessa crônica do cotidiano.



“Eu adoro morar aqui”

Em março de 2022, a escritora Carla Soares publicou um texto chamado “Eu adoro morar aqui”. Seus textos, publicados na internet por meio de uma *newsletter* – textos publicados em meio digital e enviados aos seus leitores via *e-mail* – chamada *OutraCozinha*, possuem um tópico em comum: investigam “o que o comer revela sobre nós” (Soares, 2022, n. p.). O texto mencionado na verdade foi escrito em janeiro de 2021, quando Carla morava em Belo Horizonte e a casa era um tema de escrita que estava pairando em sua mente, fugindo um pouco da temática dos alimentos, mas não indo tão longe assim. Enquanto isso, seu marido estava morando no interior do Paraná e lhe enviava com frequência fotos de animais existentes ali, como besouros, lagartixas e passarinhos, dizendo que estava aliviado por poder estar em contato com uma paisagem mais tranquila. Esse dia a dia mais próximo à natureza revelava um abismo entre a rotina de cada um, uma vez que Carla estava isolada em um apartamento em uma cidade grande durante a pandemia de covid-19.

Abrir logo cedo a varanda pra sentir a brisa fresca, tomar café da manhã no sol morno, estar num lugar silencioso, poder ver o céu e ter espaço pra poder abrir os braços. Enquanto ele me mostra o quanto está cercado de vida, eu sigo os dias me sentindo enclausurada num lugar em que não consigo nem ver o céu, e as noites em privação de sono por conta do barulho que não dá descanso. São coisas pequenas, então a gente tende a achar que tudo bem. Mas o acumulado dessas pequenas indignidades diárias, que a gente acha que não tem direito de sofrer justamente por causa do tamanho aparente delas, vai deixando tudo azedo (Soares, 2022, n. p.).

Carla chega a contar da ironia de um adesivo colado em uma janela localizada entre a área de serviço e o cômodo destinado a ser um quarto de empregada, que dizia “Eu adoro morar aqui”.

Todos os dias de manhã, quando vou limpar as caixas de areia dos meus gatos que ficam nesse quarto, eu enxergo esse adesivo, que já estava ali antes que eu chegasse. Sinto uma vontade tremenda de arrancar todas as vezes. É um pouco pela ironia do lugar da casa onde ele está colado – um cômodo que provavelmente nunca serviu nem pra abrigar uma pessoa esticada confortavelmente pra dormir, e que agora está subutilizado como um depósito de aleatoriedades e banheiro de gatos. O adesivo me incomoda pelo lugar onde ele está no apartamento, mas também porque estou detestando viver neste lugar. Tenho me sentido tão limitada, sem muitas opções do que fazer dentro de casa. Tenho pensado no quanto os cômodos são inespecíficos. São um



amontoados de quadrados pequenos, distribuídos um ao lado do outro e em cima de outros no prédio, sem muita diferenciação, como um monte de carros Ford T pretos enfileirados na esteira de produção. Eu olho pra eles e fico pensando no quanto esses cômodos não comportam quase nada além de ficar olhando pra telas – a da TV, a do computador e a do celular (Soares, 2022, n. p.).

A escritora prossegue seu texto comentando a ineficiência das habitações, tanto casas quanto apartamentos, que, segundo ela, não são construídas para possuir diferentes formas além de ângulos retos e quadrados, nem para abrigar outras atividades como *hobbies* – jardinagem, por exemplo. “Chega até a ser difícil imaginar que tipos de *outras coisas* poderíamos fazer numa casa” (Soares, 2022, n. p.), diz. Além do abrigo para a sobrevivência, a escritora pontua como mesmo em questões consideradas básicas, as residências têm deixado a desejar, com áreas de serviço se tornando cada vez menores ou inexistentes, “um espaço imaginário conectado com a cozinha” (Soares, 2022, n. p.). Também descreve as cozinhas como sofríveis, uma vez que em imóveis para alugar são os cômodos mais desatualizados e deslocados em relação ao restante da casa, sendo geralmente pequenas, mal iluminadas, mal ventiladas e sem superfícies como bancadas ou armários suficientes para se desempenhar com qualidade o ato de cozinhar no dia a dia.

Pode parecer que uma cozinha mais ou menos é só algo com que você tem que lidar. Mas ter uma cozinha mal ajambrada é muito desestruturante. É uma tarefa cotidiana, que a gente tem oportunidade de realizar várias vezes por dia, e por isso nesses casos vira um improviso constante. Um monte de gente adora falar sobre o prazer de cozinhar, mas pouquíssimas expõem como é difícil sentir todo esse entusiasmo num lugar que não te comporta (Soares, 2022, n. p.).

Esse não caber em um espaço destinado a uma atividade essencial de sobrevivência, onde não se pode realizá-la de forma confortável, sendo também percebido pelo corpo, é um dos motivos para o desgaste e o estresse durante essa tarefa. Carla diz sobre seu incômodo em relação a como a possibilidade de espaços mais iluminados, varandas e áreas verdes poderiam fazer da experiência de viver nas grandes cidades algo menos estéril. Porém, atualmente são itens considerados artigos de luxo pela sua indisponibilidade ou inacessibilidade para a maioria da população. Esses incômodos tornaram-se gritantes durante a pandemia e a impossibilidade de sair para realizar outras atividades fora de casa, levando à concentração delas em espaços insuficientes e inflexíveis, deixando a vida com essas características também.





A pandemia deixou mais claro que nossas casas não são tão confortáveis, nem abraçam tantas possibilidades. Muitas pessoas, porém, precisavam permanecer muito tempo nesses espaços bem antes da pandemia. Pessoas com mobilidade reduzida, pessoas em regime de home office, mães com crianças recém-nascidas sempre ficaram mais tempo nesses ambientes e precisavam de outras possibilidades. A proporção de opções que contempla outras funcionalidades, no entanto, sempre foi muito pequena. As nossas casas hoje na maioria das vezes são pensadas pra serem dormitórios, em que a gente deve se dirigir pra passar a noite na frente de uma tela à escolha, até dar a hora de tomar um banho e dormir pra trabalhar no dia seguinte. Por mais bem decoradas e aconchegantes que a gente tente torná-las, se a gente olhar pra estrutura bruta dos cômodos essa é a função básica de uma casa que a gente vai encontrar. É também por isso que foi tão desconfortável ter que permanecer tanto tempo nesses espaços na pandemia: porque eles não comportam que a gente crie muitos momentos de respiro nem quando a gente tem tempo pra isso. Minha imaginação fica vagando nessa possibilidade longínqua de mudança nas construções, mas a razão pra ficar sonhando não é só pelo desconforto com a minha casa neste momento, que me faz desejar que as coisas sejam bem diferentes. Os espaços que construímos são um espelho daquilo que a gente entende que precisamos, mas o contrário talvez seja ainda mais importante. Os espaços também moldam a forma como a gente é capaz de imaginar e estruturar o mundo. As construções fazem a gente organizar mentalmente como as coisas podem ser (Soares, 2022, n. p.).

Carla ainda diz que “as construções são tentativas da gente alterar uma percepção de um mundo selvagem pra algo mais confortável e gentil” (Soares, 2022, n. p.), e a pandemia trouxe a casa como um espaço “a salvo” do vírus. Mas não é possível dizer que de modo geral era uma espécie de conforto, ainda que para muitos tenha trazido algumas comodidades. A dureza e a separação pelo confinamento, segundo a autora, trouxeram uma hostilidade devido à forma de construção dos espaços onde ficamos enfiados para nossa própria proteção. Carla, ainda que não seja arquiteta de formação, possui uma compreensão muito preciosa dos elementos constituintes da linguagem visual que delimita espacialidades. Sua percepção de que a casa pode ser mais do que uma caixa onde nos interiorizamos cada vez mais e nos voltamos apenas para dentro é de extrema importância para a concepção de arquiteturas mais gentis, por meio da qual a autora sonha com modos de viver igualmente mais generosos com a própria vida:

As paredes são uma lembrança bastante sólida de como podemos nos sentir nessa relação com o mundo. É por isso,



por exemplo, que uma casa sem paredes internas, em que a privacidade pras pessoas que vivem lá dentro está diminuída, pode fazer com que as pessoas tenham que aprender a ser mais aberto. Excesso de vidros e aberturas podem criar uma disposição de transparência. Lugares pequenos demais podem ensinar a nunca demandar espaço e a se contentar com pouco, ao mesmo tempo que também podem te conectar com a necessidade de ir pra fora, já que a sensação de confinamento pode ser intolerável. Alterar esses detalhes construtivos, então, faz surgir diferentes disposições e disponibilidades. Eu fico me perguntando: como as nossas casas seriam se fossem um ponto de partida pra vida e não um tipo de caixa em que a gente se fecha dentro? (Soares, 2022, n. p.).

O sentimento de acolhimento e presença no mundo, ausente nas construções atuais, segundo a autora, demonstra como a arquitetura tem se voltado para a criação de coisas de que estamos privados, como uma piada de mau gosto, em que os espaços fingem ser o que não são, como um tipo de pastiche. Ela retoma modismos como os “espaços instagramáveis” dentro das casas, levando seus moradores, por exemplo, a povoar de plantas apartamentos completamente distantes do contato com a natureza do lado de fora.

Soares (2022, n. p.) menciona então a questão de como existe um costume de se prestar atenção na decoração diante da impossibilidade de mudar a matéria bruta estrutural dos espaços onde moramos, “nas miudezas de uma casa como uma expressão das nossas identidades”. Miudezas essas que ela mesma pontua serem intervenções mais acessíveis do que as mudanças mais profundas na configuração espacial das habitações, muitas vezes alugadas.

Às vezes penso que as casas em que vivemos têm tantas faltas porque é como se dependessem da nossa insatisfação difusa, pra que a gente possa ficar comprando objetos que mudem o ambiente. E não raro, a gente termina um pouco soterrado por essas possibilidades, muitas vezes tentando destralar as casas das sucessivas decorações. É um sinal de que a coisa não funciona. As estruturas de onde moramos, com o perdão do trocadilho, são concretas demais. Perceber quantas mudanças poderiam ser feitas nas nossas casas, que cada vez parecem mais estranguladas por cidades apinhadas que sofrem um monte com a especulação imobiliária, pode dar uma sensação de impotência, e que mudanças nessa esfera são só uma utopia boba. Mas as coisas com as quais a gente sonha, mesmo que agora não sejam acessíveis, ficam ali guardadas e vão transformando devagarinho, às vezes ao



longo de gerações, o mundo que a gente vive (Soares, 2022, n. p.).

Existem vários pontos a serem explorados nesse trecho. Um deles relaciona-se com o livro *Domesticidades*, de Renata Marquez e Wellington Cançado (2010), que é a maneira como a presença de cacarecos, ainda que sobreposta a necessidades reais de qualidade do espaço, é uma parte relevante para a construção do morar e das domesticidades. É possível supor que, dado o aprisionamento em um espaço precário durante a pandemia, não se note tanto como as miudezas têm sua poesia própria. Pode parecer um tanto deprimente ou até mesmo superficial esse apego a detalhes que muitas vezes mascaram e não riscam estruturas e problemas maiores, mas é como se esses bibelôs fossem os agrados aos olhos e um símbolo da vida como algo que existe. Sinais de que, ainda que sufocados, existem artefatos de uma experiência vivida dentro ou fora de casa que deixaram vestígios e permanecem ali, como uma arqueologia do cotidiano impressa no lado de dentro.

Para a historiadora Vânia Carneiro de Carvalho (2017), no texto “As esculturas inspiradas na vida galante: um exercício de análise”, esses pequenos objetos dizem até mesmo de uma forma de relação com o espaço da casa. Carvalho (2017, p. 257), para além da discussão sobre gênero e artefatos da vida doméstica presentes no texto que serão abordados aqui posteriormente, traz o pensamento de Jean-Pierre Warnier para o debate sobre os cacarecos que contribuem para a construção de uma domesticidade:

Jean-Pierre Warnier oferece-nos uma ferramenta metodológica muito útil para entendermos a diversidade de apropriações que fazemos do mundo material e, portanto, a diversidade identitária que essa materialidade promoveria. Ele nos diz que os objetos são como próteses do nosso corpo, mas não próteses que completam algo que um dia existiu e que agora falta, como uma perna amputada, um dente perdido. O ser humano dependeria essencialmente de próteses materiais para viver e se constituir como humano. Apoiado nas noções de técnicas do corpo lançadas por Marcel Mauss, Warnier desenvolve o conceito de síntese corporal para demonstrar que o indivíduo, ao utilizar um determinado repertório de artefatos (próteses), produz um corpo que será tão diferente de outros quanto for o conjunto de próteses materiais que ele selecionou e articulou em uma combinação *sui generis*. Sem almejar o desenvolvimento de uma antropologia do indivíduo, como é o objetivo de Warnier, essas noções sensibilizam o historiador para o entendimento das mudanças possivelmente ocorridas nos corpos de homens e mulheres quando deixam para trás o espaço público da cidade e ingressam no ambiente doméstico de suas residências. O que muda nessa passagem?



Apenas os sentidos construídos na casa com os objetos de decoração e conforto?

Carvalho (2017, p. 269) retoma também em sua análise o antropólogo inglês Alfred Gell e sua noção de agenciamento das obras de arte pelo mecanismo de captura, tal qual uma armadilha, por meio da fascinação e do encantamento:

Ao entrar em casa, o corpo carrega consigo os efeitos das experiências vividas no exterior – diferentes movimentos, ritmos, sons, engajamentos da atenção, tensões, a memória dos esforços realizados. Não são os sentidos dos objetos que reprogramam o corpo que adentra o território doméstico, mas os próprios objetos que propiciam que novas formas de viver sejam experimentadas.

Durante a pandemia, a etnógrafa e artista visual Paula Zuccotti (2021b) iniciou um projeto chamado *Lockdown essentials* (*Essenciais do confinamento*, em tradução livre) ou *Arqueologia do futuro do lockdown global*. A proposta de Zuccotti, seguindo a linha de outros trabalhos realizados anteriormente, era inventariar objetos e fotografá-los a partir de uma pergunta como: “Quais são os 15 objetos que estão ajudando você nessa jornada?”.

Zuccotti arquivou essa série de fotografias de inventários em seu *site*, reunindo mapeamentos de intimidades de diversos países. O Brasil possui quatro registros desses fragmentos de domesticidade em um estado de exceção. Para Valeria, em Olinda, por exemplo, esses são seus essenciais (Zuccotti, 2021a, n. p.):

1. Celular. É meu principal meio de comunicação entre amigos e familiares, assisti lives e acessei muito as redes sociais.
2. Remédio. Tomamos ao menor sinal de doença e/ou para ansiedade.
3. Bíblia sagrada. Usamos muito para fortalecer nossa fé e aprendermos mais sobre ela.
4. Álcool 70%. Passou a fazer parte do nosso dia a dia, dentro e fora de casa, nas mãos e objetos.
5. Água sanitária. Essencial para higiene da casa, calçados, roupas para desinfecção, triplicamos o consumo.
6. Máscara. Todos nós usamos com muita frequência, um pouco difícil, mas imprescindível. [...]
12. Brinquedo Pet. Ficamos mais com nossos animais, interagindo melhor e nos divertindo muito.

Talvez essa versão atualizada de uma pergunta como “O que você levaria para uma ilha deserta?” seja reformulada como: “O que você considera essencial quando sua casa é uma ilha?”. Esse apego material a partir de miudezas é constituinte da memória relativa ao vivido, e, nesse caso, atrelado ao espaço vivido.



Porém, retomando o texto de Carla Soares (2022, n. p.), apesar da riqueza narrativa desses bibelôs, são pontuadas questões urgentes a partir do confinamento em espaços insuficientes para a maioria das pessoas:

Mesmo que as janelas de onde estou sejam pequenas e o horizonte curto, não ter medo de olhar pra fora é melhor do que acreditar que é preciso simplesmente fazer as pazes com o adesivo que diz que “eu adoro morar aqui”. Imaginar o lugar em que você adoraria viver é tornar possível que ele exista. Primeiro, no pensamento; depois, ninguém sabe.

O arquiteto Carlos A. C. Lemos (2017), no texto “Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico”, discorre sobre a domesticidade recebendo múltiplas atividades dentro do espaço da casa. Como um estudioso da “prática a vida doméstica”, Lemos (2017, p. 241) diz sobre sua trajetória que, “primordialmente, tratava das funções essenciais próprias do abrigo residencial [...]. Atribuições essas que hoje chamamos nos programas de necessidades de áreas de repouso, de serviço e de estar”.

Partindo de Brasília, na década de 1960, Lemos remonta um concurso de projeto de casas populares para serem replicadas em larga escala pelo Brasil. O arquiteto se viu bastante espantado com a casa vencedora, tanto pelo seu tamanho pequeno, “absolutamente incapaz de acolher uma família de porte médio” (Lemos, 2017, p. 241), quanto pelas soluções propostas do vencedor para resolver o cotidiano de “cinco coitados” (p. 242).

Segundo Lemos, essa ideia provavelmente nunca deve ter saído do papel, mas a partir dela resolveu investigar quais seriam as expectativas proletárias de como seria uma casa ideal, que abarcasse as diversas atividades previstas em um programa de necessidades. Em 1964, o arquiteto iniciou uma pesquisa-piloto sobre o tema com alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Posteriormente, com o auxílio da professora Maria Ruth Amaral de Sampaio, a investigação teve continuidade, voltada para a autoconstrução na cidade de São Paulo, acompanhando a evolução dessas moradias ao longo do tempo. Lemos (2017, p. 242) considera os exemplos sequenciais de modos de morar que chegaram por meio de Sampaio extremamente úteis sobre a “ocorrência de sobreposições de funções, ou de atuações, num mesmo espaço doméstico”.

Lemos (2017) conta também de uma tentativa frustrada de monges de São Bento de propor habitações em pequenos apartamentos de um só quarto e banheiro, como quartos de hotel, em São Paulo. Esse tipo de moradia foi bastante utilizado por homens abastados da sociedade paulistana para furtivos encontros amorosos, recebendo o nome de *garçonnières*. Lemos pontua que esse precursor do que entendemos hoje como as quitinetes prolifera moderadamente a partir de 1920, mas de uma forma bastante particular no Brasil. Sua popularidade passa pela



aceitação, por parte da classe média, da superposição de atividades domésticas em um mesmo espaço apenas no início dos anos 1950.

Trazendo para o contexto do século XXI, Lemos (2017) menciona a presença de dispositivos como o computador, que corroboram essa superposição concentrada nos ambientes dos dormitórios nas casas de famílias de classes média e alta. Essa concentração também demarca os quartos como espaços exclusivos, isolados do restante da casa, não mais apenas para o ato de dormir. Porém, essa retirada dos espaços comuns como prioridade traz modificações significativas para o projeto do restante de uma unidade habitacional:

Em nossos dias, os arquitetos quando equacionam com os seus clientes os programas de necessidades das moradias em vista, já de comum acordo, minimizam as chamadas “áreas de serviço”, cujo centro sempre foi a cozinha. Essa é a verdade de hoje, depois de alguns milhares de anos, a função cozer deixa de ser o centro do interesse do lar, e a lareira dos *livings* das casas chiques é o símbolo dos dias primevos em que à roda do fogo se trocou o cru pelo cozido. Realmente, podemos com facilidade acompanhar a involução das zonas de trabalho das moradias provocada pelo progresso, que gradativamente retirou e retira da domesticidade atuações, levando-as para extramuros graças à operosidade da indústria surgida após a Revolução Industrial, que deu início à luta pela equiparação do gênero feminino ao machismo. Tudo isso que agora acabo de afirmar está entrelinhas no magnífico livro de Siegfried Giedion – *Mechanization Takes Command: A Contribution to Anonymous History*. Essa é uma obra fundamental para compreendermos a casa de hoje, totalmente livre da obrigatoriedade de mão de obra destinada ao manuseio de gêneros alimentícios e, sobretudo, de limpeza da parafernália ligada à produção culinária. Adeus às panelas, frigideiras e caldeirões. Hoje já existe muita gente sobrevivendo em seus domicílios neste império dos congelados, somente com o auxílio do micro-ondas e de mais dois ou três eletrodomésticos. Em suma, ainda com a previsão de pequena pia e de diminuta máquina de lavar, pode-se ter um centro gastronômico perfeitamente sobreposto à área de convívio familiar, à zona de estar, de lazer e de receber (Lemos, 2017, p. 247).

Aqui se percebe a imposição que a arquitetura coloca no cotidiano, limitando as atividades de serviço como o ato de cozinhar. As questões que Carla Soares traz em seu texto são parte de um projeto de restrição espacial, que de fato cria barreiras para habitar o espaço doméstico além do descrito em um programa inicial de necessidades, solicitado muitas vezes por pessoas que no final das contas não



vão morar ali. Quando Lemos diz “adeus às panelas e caldeirões” e menciona o “império de congelados”, é possível perceber também uma aproximação com o contexto recente da pandemia, principalmente a partir de uma declaração recente do presidente do iFood, maior empresa de entregas da América Latina. Fabrício Bloisi diz que, “em dez anos, ninguém mais vai cozinhar”, em uma previsão de que o preço da comida fora de casa “compensará o abandono do fogão” (Wiziack, 2024, n. p.). Declarações como essa beiram o absurdo, dado o funcionamento da própria plataforma do iFood, que trabalha com a precarização de seus entregadores (The Intercept Brasil, 2022), que, vale ressaltar, trabalharam de forma mais intensa durante a pandemia e ainda não possuem definição regulamentada de direitos trabalhistas (Falcão Filho, 2023). Além disso, obliteram o trabalho reprodutivo implicado no ato de cozinhar ao se supor sua terceirização quase completa.

Voltando para o texto de Lemos (2017, p. 248), o autor diz:

O já citado progresso trazido pelas sucessivas descobertas e invenções obviamente também está afetando o modo de viver em geral e, nas residências, acabou atuando nos critérios de superposição de maneira tal que, sobretudo nas moradias da classe média, as variadas categorias das atuações, todas elas, possam coexistir num mesmo ambiente. Apenas as instalações sanitárias estarão localizadas à parte. No resto da casa, tudo será permitido em qualquer lugar. Tudo será taxado como “estar”.

Mas que permissões de “estar” são essas, dado que esse suposto progresso também tem caminhado para a produção de espaços exíguos e ineficientes de moradia? Lemos traz novamente um breve panorama histórico, dessa vez sobre as *living rooms* brasileiras. Desde o período colonial havia um espaço destinado a receber visitas que se encontrava isolado do restante do ambiente íntimo das residências. Esse espaço também concentrava a temporalidade do dia até o século XIX, com o surgimento da eletricidade, que proporcionou a ocupação da sala também em períodos noturnos, modificando a hora do jantar. Lemos (2017, p. 249) ainda menciona a disseminação do rádio como um “grande aglutinador da família”, em torno do qual as pessoas se reuniam para ouvir seus programas, função posteriormente atribuída também à televisão. Segundo Lemos, a sala de visitas ou estar passou a ser uma parte básica no programa de necessidades das casas de classe média do século XIX em diante. Ao concluir o texto, falando da contemporaneidade, o autor diz:

O computador com a sua internet subverteu tudo. Em pouco tempo, apossou-se do telefone e da televisão e, depois de alguns anos após sua divulgação, encastelou-se nos telefones celulares, para em seguida imperar nos tablets e *iPads*. Esses aparelhos de comunicação, hoje no Brasil, igualam-se ao número de habitantes. Para esses apetrechos não existem



mais classes sociais, absolutamente todos são seus escravos. Conhecidos fraternizam-se com conhecidos, que também conversam com desconhecidos e estes, entre si, também se comunicam, iniciando virtualmente amizades improváveis. Todos sabem de tudo. Não há mais segredos. Essa conexão universal de mentes, em futuro próximo, fará com que sejam desnecessários encontros ou confraternizações entre pessoas, mas ainda não podemos intuir como irão perdurar amizades, namoros e amores. As casas serão mais “inteligentes”, funcionando plenamente mediante simples apertos de botões ou de ordens saídas de celulares dos carros bloqueados por congestionamentos mil. E as famílias serão compostas de indivíduos portadores da mesma chave, que abrirá a fechadura única do lar. Da domesticidade de então nada sei dizer (Lemos, 2017, p. 250).

O futuro que veio foi mais dramático: os espaços das casas brasileiras da classe média, ainda que dotados de vários privilégios, tornaram-se insuficientes, pararam no tempo. Carla Soares morava de aluguel em um deles, uma realidade bastante comum no Brasil, onde esses apartamentos do século XX são atualmente oferecidos para locação nas grandes cidades, abrigando conjunções familiares diferentes daquelas para as quais foram propostas originalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tarefas que se sobrepõem no mesmo cômodo atualmente somam-se continuamente, deixando essas residências empilhadas com uma pilha ainda maior de atividades para abrigar, muitas vezes sem espaço para caber toda uma vida dentro delas. A domesticidade aqui encontra seus impasses: ainda que lidando com sua extensão ao meio digital, o físico se impôs de forma dramática com o isolamento. Por mais que essa hibridização do cotidiano privilegie a concentração das atividades antes presenciais em torno e dentro de telas, as precariedades do restante dos espaços de morar também ficaram mais nítidas. Apesar de trabalho, estudo, lazer, entre outras atividades, não se situarem durante a pandemia da porta para fora, percebe-se a impossibilidade de tentar fazer caber tudo da porta para dentro.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, V. C. de. As esculturas inspiradas na vida galante: um exercício de análise. In: NASCIMENTO, F. B. do; SILVA, J. M. de C. e; LIRA, J. T. C. de; RUBINO, S. B. (org.). *Domesticidade, gênero e cultura material*. São Paulo: CPC/USP, 2017. p. 253-273.



- FALCÃO FILHO, A. A dura realidade que confronta direitos trabalhistas e empregos. *Exame*, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/money-report-aluizio-falcao-filho/a-dura-realidade-que-confronta-direitos-trabalhistas-e-empregos/>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- FARIA, P. L. V. *Domesticidades e contradomesticidades: crônicas e cacarecos de vidas confinadas*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.
- LEMOS, C. A. C. Nos processos de domesticidade, a superposição de práticas cotidianas no mesmo espaço arquitetônico. In: NASCIMENTO, F. B. do; SILVA, J. M. de C. e; LIRA, J. T. C. de; RUBINO, S. B. (org.). *Domesticidade, gênero e cultura material*. São Paulo: CPC/USP, 2017. p. 241-250.
- MARQUES, A. M.; JORGE, E. *Como se fosse a casa: uma correspondência*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- MARQUEZ, R.; CANÇADO, W. *Domesticidades: guia de bolso*. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2010.
- SOARES, C. Cozinhando outras ideias. *OutraCozinha*, 2022a. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/about>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- SOARES, C. Eu adoro morar aqui. *OutraCozinha*, 2022b. Disponível em: <https://outracozinha.substack.com/p/outracozinha-44-eu-adoro-morar-aqui#details>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- THE INTERCEPT BRASIL. iFood: um caso mórbido de precarização. *Outras Mídias*, 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ifood-um-caso-morbido-de-precarizacao/>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- WIZIACK, J. Em dez anos, ninguém vai mais cozinhar, diz presidente do iFood. *Folha de S.Paulo*, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2024/02/em-dez-anos-ninguem-vai-mais-cozinhar-diz-presidente-do-ifood.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- ZUCCOTTI, P. *Essenciais do isolamento de Valeria*. Future Archeology of a global lockdown. 2021a. Disponível em: <https://lockdownessentials.org/Valeria>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- ZUCCOTTI, P. *Future archeology of a global lockdown*. 2021b. Disponível em: <https://lockdownessentials.org/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

